

1 de Maio de 2021

**EDIÇÃO COMEMORATIVA
DO DIA DO TIPOGRÁFO**

Convento dos Remédios
Avenida de São Sebastião
7000-767 Évora
T. 266 700 100



QUEM NUNCA...

... Leu o livro ou viu o filme *O nome da Rosa* de Umberto Eco, que nos imerge num *scriptorium* conventual medieval, na azáfama de monjes escribas e de copistas a produzir manuscritos para as elites da época.
... Ouviu falar de Johannes Gensfleisch Gutenberg que reinventou as técnicas de composição e impressão tipográfica no século XV e revolucionou a comunicação de massas, feito só equiparável à invenção da internet.
... Conheceu as histórias de vida dos primeiros impressores que vieram para Portugal, e para Évora, como André de Burgos, Cristóvão e Martim de Burgos, Manuel de Lyra, Francisco Correia, Francisco Simões, Lourenço Craesbeeck, Manuel Carvalho e Jorge Rodrigues.
... Ouviu falar do espólio musical de Livros de Coro do Mosteiro de São Bento de Cástris.
... Conheceu a história da Imprensa, do Prelo do Colégio do Espírito Santo em Évora e a fama que alcançou na Península Ibérica.
... Visitou a exposição *250 Anos da Imprensa Nacional* que conta a história desta centenária instituição da Arte Gráfica Nacional: da Imprensa Régia (1768-1801) à Imprensa Nacional (1802-1972) à actual Imprensa Nacional - Casa da Moeda (1972 - activa).
... Soube que em Évora, entre 1840 e 2020, a primeira tipografia que funcionou, foi a do Governo Civil. Ou quantas oficinas houve em Évora.
... Ouviu falar das Oficinas de S. José em Lisboa, ou das Oficinas da Casa Pia, em Évora.

... Ouviu o som de uma Heidelberg ao passar à porta de uma tipografia.
... Entrou numa tipografia e sentiu o cheiro de tintas, papéis e reveladores; viu as mãos negras de chumbo do compositor; reparou na bata suja de tinta do impressor; ouviu o assobiar da lâmina da guilhotina a cortar papel; ou o bater dos cadernos na bancada.
... Leu os títulos da imprensa eborense: «*Cronica Eborense*», «*Almanach Eborense*», «*Pharol do Alentejo*», «*Geraldo Sem Pavor*», «*Monitor Transtagano*», «*O Manuelino d'Évora*», «*Sul*»; «*Progresso do Alentejo*», «*Distrito de Évora*», «*Voz da Infância*», «*Folha do Sul*», «*O Alentejano*», «*A Voz do Povo*», «*Diário do Alentejo*», «*A Escola*», «*Notícias d'Évora*», «*A Voz Pública*», «*O Alentejo*», «*A Defesa*», «*Jornal de Évora*», «*Democracia do Sul*», «*Diário do Sul*» ou o «*O Giraldo*».
... Viu os editais afixados na Câmara Municipal, ou ainda os ouviu na voz do pregoeiro, há muito desaparecido das ruas de Évora.
... Encontrou esquecido no bolso do casaco um bilhete de loja com o preço de estopas, fitas e chitas da Loja do Coelho, da Quermesse de Paris ou dos Compadres.
... Sentiu na ponta dos dedos o relevo das letras cheio de tinta, e estas alinhadas em colunas e parágrafos num livro impresso pela arte negra, de chumbo.
Mais tarde ficou incrédulo com a leveza da impressão em offset.

... Usou um corta papel para abrir livros e cadernos.
... Recebeu um convite de baptismo. Ou deu os pêsames em cartões e envelopes com tarja preta.
... Apresentou requerimentos em papel timbrado. Fez exames em papel azul de 25 linhas.
... Mandou fazer um cartão-de-visita gravado em relevo.
... Comprou um bilhete para o filme do EDEN. Teve nas mãos o programa do cinema Salão Central.
... Leu a *Évora Agenda da Minha Terra*.
... Bebeu Aniz Escarchado da Fábrica Titan de Évora.
... Comeu rebuçados de escorcioneira do Anselmo, bolas de neve embrulhadas em papel celofane vermelho, ou pastilhas Pirata do Fomento.
... Cozinhou massa da Fábrica dos Leões, cujos pacotes eram impressos na tipografia dos Leões.
... Ganhou o calendário anual das Máquinas Agrícolas dos Irmãos Fialho.
... Foi à tipografia mandar imprimir livros de facturas-recibos.
... Consultou o programa da Feira de S. João e de S. Pedro.
... Mandou imprimir individuais com ementas, autocolantes e cartões para o *take way* do restaurante, para fazer face às restrições impostas pela pandemia Covid-19.

**QUEM NUNCA....
Pode ter nascido na era
da internet.**

Alexandra Charrua

SOCIEDADE INSTRUTIVA REGIONAL EBORENSE (SIRE)

GRÁFICA EBORENSE

A ideia de criar «*A Defesa*», órgão de comunicação da Arquidiocese de Évora, inspirado no jornal de Roma «*La Difesa*», surgiu com D. Manuel Mendes da Conceição Santos, Arcebispo de Évora. Em 1923, um grupo de cidadãos eborenses deu-lhe corpo jurídico, constituindo a sociedade anónima Sociedade Instrutiva Regional Eborense (SIRE) S.A.R.L. «A Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, foi constituída por Roberto Luís Reynolds, Monsenhor José Manuel da Silveira Barradas, Padre Joaquim José Baptista de Oliveira, Augusto Espinheira Lourido, Dr. José Varela Lopes, Miguel José Fernandes Potes, José António Fernandes Potes, António Coelho de Villas Boas, José Domingos Mariano e Joaquim Gonçalves, com os objectivos de exploração do ensino da instrução geral e profissional no distrito de Évora; desenvolvimento das Artes Gráficas, dar continuidade ao jornal «*A Defesa*» e de imprimir outros jornais, livros e trabalhos comerciais, tendo um capital social de 10 mil escudos.» In MONTE, Gil, *Tipografia Gráfica Eborense. Subsídios para a História da Tipografia em Évora nos séculos XIX e XX*. Gráfica Eborense, Évora, 1980, p.191.

A administração da SIRE ocupou o primeiro piso do N.º 25 do Largo das Portas de Moura, onde, no rés-do-chão, já funcionava a oficina da Sociedade Typografica Gráfica Eborense, Lda. e a redacção do jornal ficou instalada no N.º 3 da Rua de S. Manços, conjuntamente com uma livraria-papelaria católica.

A Arquidiocese começou por publicar o «*Boletim Eborense*», impresso na oficina tipográfica da Miner-va Comercial, Lda., que a partir de 1920 passou a ser impresso na oficina da Sociedade Typografica Gráfica Eborense, Lda.

A Sociedade Typografica Gráfica Eborense, Lda., a funcionar no r/c do N.º 25 do Largo das Portas de Moura desde os primeiros anos da década de 20, era propriedade de Roberto Luís Reynolds, irmão de Thomas Guilherme Reynolds, grandes proprietários de Estremoz, de origem britânica. (FONSECA, 1996 e 1998; GUIMARÃES, 2006 e 2007) Em 1930, a Sociedade Typografica Gráfica Eborense, Lda., vulgo Gráfica Eborense, foi a primeira da cidade a adquirir uma máquina de composição mecânica, uma «Intertype», americana, com motor eléctrico, por 4700 dólares, à firma Sociedade Internacional de Máquinas e Automóveis,



Da esquerda para a direita, em primeiro plano: Paulo Murteira (guihotina), Jacinto Palaio (impressor), Mário Lavado (escriturário) e Rui Martinho (acabamento). Em segundo plano: Custódio Curto (impressor), João Caeiro (informático), Nelson Coelho (acabamento), José Domingos (encarregado), Luís Oliveira (informático) junto à máquina de impressão de 4 cores "Komori". Registos *in situ* Gráfica Eborense, fotografia digital de António Carrapato, 2019.

Lda. (SIMAL), em Lisboa. A oficina de tipografia tinha a secção de composição a funcionar com composição manual, com tipos de letras, caracteres de chumbo, e mecânica; a secção de impressão trabalhava com quatro máquinas de impressão: uma cylindrica universal «Alberty Cia», alemã; uma «Liberty» N.º 4, alemã; uma de impressão de meia folha «Mossano», do sistema FENIX, italiana, e uma «Oficial» para impressão de cartões-de-visita; contava um motor eléctrico de 2 HP; a secção de encadernação tinha uma guilhotina manual para cortar papel. In, Processo I.I.I.P.T. N.º 2.893. Em 1931, a SIRE adquiriu a Sociedade Typografica Gráfica Eborense «pela quantia de 10.000\$00, com todos os valores activos e passivos e todos os direitos e obrigação que a mesma tivesse ou pudesse vir a ter». In, Sociedade Typografica Gráfica Eborense. Registo do Trabalho Nacional (RTN), Processo N.º 293 de 10 Abr.1923, proprietário Roberto Luís Reynolds, instalações no Largo das Portas de Moura N.º 25. O RTN refere que já existia em 1922. A «Empresa Typografica Gráfica Eborense sediada nas Portas de Moura N.º 25 foi vendida à Sociedade Instrutiva Regional Eborense, SARL» a 15 Jan.1931, assinado Roberto Luís Reynolds. Declaração entregue na 4.ª C.I. a 25 Jun. 1966. Processo I.I.I.P.T. N.º 2.893.

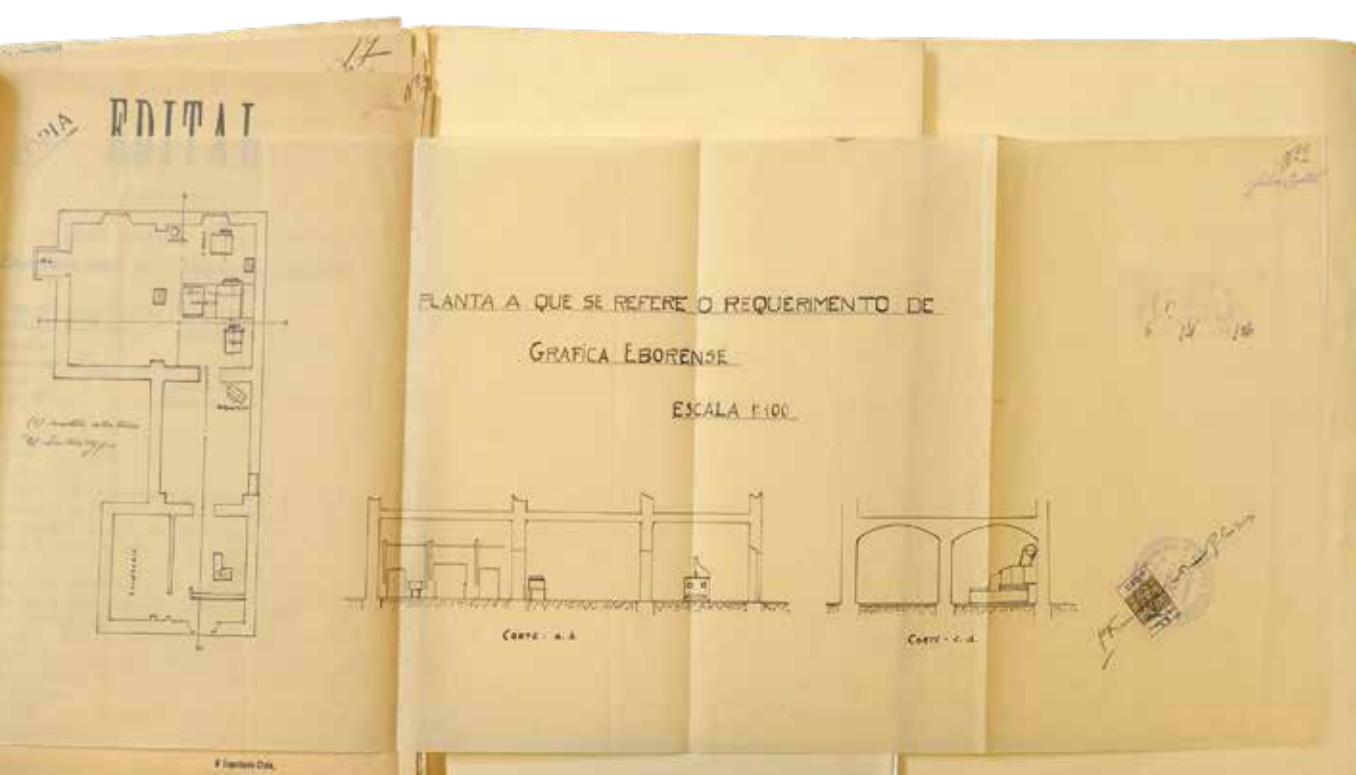
A primeira edição do jornal semanal «*A Defesa*» saiu à rua a 18 de Março de 1923.



Jornal «A Defesa», publicação semanal, I Ano, N.º 1, Évora, 18 de Março de 1923; Composição e Impressão: Gráfica Eborense; Director: Varela Lopes, primeira página.

Os primeiros directores de «*A Defesa*» foram o Dr. José Varela Lopes e o Cónego João Neves Correia, a quem sucedeu o Cónego José Manuel Silveira Barradas. O Cónego José Filipe Mendeiros, nomeado pela Santa Sé Tesoureiro-mor, Chantre da Sé e Reitor do Seminário Maior de Évora, assumiu a direcção a partir do N.º 870, a 11 Nov.1939, e dirigiu «*A Defesa*» durante 45 anos. Na 75.ª edição do semanário deixou-nos o seu testemunho: «(...) contudo, o principal inimigo era comum a toda a imprensa; a censura, mormente durante a Guerra de Espanha (1936-1939) e a II Guerra Mundial (1939-1945). Apesar da tendência dos Governos de Salazar ser inicialmente para

Planta da Oficina de Tipografia da Gráfica Eborense que consta no Processo de Licenciamento em 1934. Foi-lhe atribuído o Alvará N.º 22268 de licença de exploração de uma oficina de impressão tipográfica, com menos de 20 operários, a 28 de Setembro. A documentação mostra que, em 1934, o gerente da gráfica era o Padre Francisco António Rodrigues, auxiliado por um empregado de escrita, empregando oito operários do sexo masculino. In, Processo I.I.I.P.T. N.º 2.893, Data de abertura do Processo: 19 Jan.1934, Alvará N.º 22268 Data de concessão 28 Set.1934, publicado em Diário do Governo N.º 287, 2.ª série, de 7 Dez.1934.





apoiar a Alemanha nazi, no entanto a Censura cortava implacavelmente todas as notícias que deixassem transparecer tendências manifestamente anglófilas ou germanófilas. Mas também em assuntos de política interna os cortes sucediam-se habitualmente todas as semanas, às vezes quase de páginas inteiras. E não se podia apresentar o jornal com o espaço vazio, como se permitia durante a I Guerra Mundial, mas era forçoso preencher o jornal de qualquer modo. O Prelado era a pena mais ilustre e bem aparada dos colaboradores, e nem ela era respeitada, a não ser nos textos oficiais.” SANTOS, António Salvador dos_«A Defesa», 85.º Aniversário do Semanário, Gráfica Eborense, 19 Mar.2008, p.11.

A oficina de tipografia foi sucessivamente ampliada em 1941, 1949, 1954, 1965-66, dotada com novas secções, operários e máquinas e aumentou a força motriz, ganhando reputação como uma das melhores do concelho, requerendo licenciamento de acordo com o quadro legislativo em vigor. Em 1949, adquiria a segunda “Intertype”, aumentando a resposta e rapidez na composição de texto em chumbo. In, SANTOS, António Salvador dos_«A Defesa», 85.º Aniversário do Semanário, Gráfica Eborense, 19 Mar. 2008, pp.18-21.

A procura de impressão de trabalhos comerciais, de livros e de jornais aumentou, tendo como principais clientes autarquias, a Junta Distrital, as paróquias e escritores.



Máquina de impressão cilíndrica “Heidelberg” com 540x720mm de rama, que durante décadas imprimiu o jornal «A Defesa», instalada e benzida a 19 Março 1960, por D. Manuel Trindade Salgueiro, Arcebispo de Évora (1955-1965). Hoje, mantém-se em funcionamento, em modo de corte e vinco, na Oficina da Gráfica Eborense. Registos *in situ* Gráfica Eborense, fotografia digital de António Carrapato, 2019.

Em 1971, laborava com 16 operários que manobravam: “2 máquinas de compor “Intertype”, 1 máquina de imprimir cilíndrica “Albert & Cia.”, 1 de imprimir meia folha do sistema “Phoenix”, outra “Oficial” para cartões-de-visitas, 1 cilíndrica “Heidelberg” de 540x720mm de rama e 1 cilíndrica “Heidelberg” de 260x380mm de rama; 1 guilhotina “Normal” com motor acoplado; 1 guilhotina mecânica automática “Krause” com 820mm de bôca; 1 máquina de chamarfrar linhas de chumbo; 1 picotadeira, a pedal; 1 máquina de agrafar, manual.” In, Processo I.I.I.P.T. N.º 2.893,

data de abertura do processo: 19 Jan.1934, Alvará N.º 22268 data de concessão 28 Set.1934, publicado em Diário do Governo N.º 287, 2ª série, de 7 Dez.1934. Informação à SIRE, Évora, 17 Abril 1971, após vistoria, assinado pelo Agente Fiscal da 4.ª Circunscrição Industrial.

Durante o período da revolução 1975-78, à semelhança de muitas empresas, a SIRE viveu uma crise com salários em atraso, maquinaria obsoleta, falta de trabalho, dificuldade de cobrança e pagamento, tendo sido necessário unir a administração da gráfica e do jornal, reorganizar o serviço, regularizar toda a actividade económica, tipográfica, jornalística, fazer prospecção de mercado para cativação de novos clientes, trabalhos e publicidade.



Índice do Livro de Cadastro dos Funcionários da Tipografia da Sociedade Instrutiva Regional Eborense, anos 70-80. In, Arquivo da Oficina da Gráfica Eborense. Trabalho de campo, Alexandra Charrua, 3 Dez. 2020, fotografia digital.

No início dos anos 80, o Padre António Salvador dos Santos, implementou o offset e a composição a frio, com recurso a computadores e à inclusão de fotografia, processos técnicos que continuaram a ser melhorados. In, SANTOS, António Salvador dos_A Defesa, 85.º Aniversário do Semanário, Gráfica Eborense, 19 Mar. 2008, pp.20-21.

Em 1982, adquiriram a primeira máquina de fotocomposição e montaram um pequeno laboratório fotográfico. “Sou um convertido às novas tecnologias. Contudo não tão radical que esqueça o papel insubstituível e intemporal da edição em suporte escrito. (...) O jornal «A Defesa» está a celebrar os seus 85 anos. (...) Oxalá, quando da passagem do século, haja alguém que cumpra os desafios destes 15 anos que, necessariamente, serão de dificuldades, mas também de proezas jornalísticas e técnicas.” Desabafo. SANTOS, António Salvador dos_«A Defesa», 85.º Aniversário, Gráfica Eborense, 19 Mar.2008, p.3.

De 1984 a 2001, na direcção do jornal sucedeu-se então o Cónego Eduardo Pereira da Silva; na administração de «A Defesa» provisoriamente, em 1977, em substituição do padre José Luís Barroco e, em 1978, na administração da SIRE e, depois na direcção, de 2001 a 2017, o Cónego António Salvador dos Santos; de 2017 a 2019, o Cónego Eduardo Pereira da Silva; e, em finais de 2019, o Cónego Manuel Maria Madureira. O Diácono José Carlos Carvalho e o Cónego Eduardo Pereira da Silva são os actuais administra-

dores, Conceição Santos assume o escritório e Pedro Conceição é o jornalista d’ «a defesa» nas instalações da SIRE no Centro Histórico.

Em Maio de 1999, inauguraram as novas instalações da oficina deslocada da Rua da Misericórdia/Rua de S. Manços, para os Lotes 16-18 da Rua da Mecânica, no Parque Industrial de Évora. A falta de espaço e a sua fragmentação eram impedimentos para inovar e para adquirir novos equipamentos tipográficos. A mudança de instalações obrigou a reformulações, à separação e abate de materiais gráficos obsoletos, que seguiram para armazém, venda, etc. Em 2006, a Gráfica Eborense adquiria então a máquina de impressão a quatro cores, “Komori”, dotando-se com as mais modernas técnicas de pré-impresão CTP e um completo dispositivo de acabamentos.



Capa da edição do jornal «a defesa», 18 de Março de 2020 com artigo comemorativo do 97.º aniversário.

Em 2019-2020, novamente por força da reorganização da SIRE – Gráfica Eborense, alguns materiais gráficos antigos, que ainda estavam nas instalações da Rua da Misericórdia, foram doados e incorporados na coleção de tipografia tradicional eborense que a Câmara Municipal de Évora tem vindo a reunir, desde 2000, quando aceitou a antiga Coleção da Tipografia Nova. Em simultâneo, a administração da SIRE abriu-nos as portas, e na oficina a equipa do Diário foi guiada pelo actual encarregado, José Domingos Quito, que permitiu que se fizesse o registo fotográfico *in situ* de António Carrapato e uma série de entrevistas em vídeo aos tipógrafos que documentam a história e a recente evolução técnica e tecnológica da oficina da Gráfica Eborense. E em 2021, a Gráfica Eborense imprimiu o jornal **Impressores de Memórias d' Évora**, colaborando no registo da história, património e memórias da actividade gráfica eborense, entre 1840 e 2020, e na exposição **Impressores de Memórias d' Évora**.

TIPOGRAFIA NOVA

FUNDAÇÃO | 1932

Évora - Centro Histórico
Rua Miguel Bombarda, N.º 33-33 A

www.facebook.com/tipografianovaevora

Em 1932, o industrial gráfico e compositor, Manuel José dos Santos (n.1896-f.1957) fundou a Tipografia Nova, no N.º 4 da Travessa da Capelinha, transitando-a, em 1938 para o N.º 33 e 33 A da Rua Miguel Bombarda, onde ainda hoje se mantém. Manuel José dos Santos fez o seu percurso laboral nas oficinas do jornal «Notícias d'Évora»; da Tipografia Eborense; nas Oficinas dos Caminhos-de-Ferro, em Lisboa; e, de volta a Évora, na oficina da Minerva Comercial, na Rua da República N.º 75-77 A, de onde saiu para montar a sua oficina com um amigo e colega operário, o impressor Arnaldo Arlindo Páscoa. Manuel José dos Santos era um homem muito activo, foi também actor-amador e desportista. Ao falecer, em 1957, deixou a Oficina aos herdeiros que a passam a gerir em seu nome, Manuel dos Santos Herdeiros, Lda. - Tipografia Nova. In, *Certidão narrativa completa de óbito*, 30 Jan. 1957. Processo N.º 4/1557 de 11 Maio 1939, anterior I.I.I.P.T. N.º 3804.

A 10 de Janeiro de 1970, o filho, João António Louro dos Santos, assumiu a gestão da tipografia, mas veio a falecer no mesmo dia. José Luís Correia Louro (n.1933-), que à data era o impressor do jornal do «Notícias d'Évora», e João Calapez, que era compositor na Evoratipo-Artes Gráficas, Lda., ambos tipógrafos e sobrinhos de Manuel José dos Santos, foram convidados a assumir a Tipografia Nova. O condicionamento industrial obrigava a transmitir a gestão da oficina a parentes em primeiro grau. José Luís Correia Louro sondou João Calapez para se associarem e gerirem conjuntamente a Nova, mas Calapez declinou. Contudo, durante meses, assegurou o trabalho de composição manual da oficina enquanto não entrou outro operário. Em Janeiro de 1970, Zé Luís assumiu a gestão da Oficina, mantendo a designação Tipografia Nova. Durante dois anos, conseguiu assegurar o trabalho de impressão do jornal «Notícias d'Évora» e o trabalho na Nova, até assinar a escritura de propriedade da tipografia em 1972, e aí ficar a trabalhar em exclusivo.



Da esquerda para a direita, primeiro plano: João Manuel Franco Infante (impressor) e Armando Joaquim Carrão (impressor); segundo plano: José António Saúde Rocha (impressor), Pedro Miguel Ferreira Batista (informático) e José Luís Correia Louro (impressor, compositor). Registos *in situ* Tipografia Nova, fotografia digital de António Carrapato, 2019.

Sobre o seu percurso, José Luís recorda como nesta oficina, se fez homem, aprendeu o ofício de tipógrafo, tornou-se impressor. “Eu vivia na casa do meu tio, que era o dono da tipografia e, por graça, ele levava-me lá para a oficina e eu adorava. Era a Tipografia Nova. (...) Ao acabar a quarta classe entrei na oficina como aprendiz. O meu primeiro ordenado foram 15 tostões por semana. Na minha profissão, a escola que havia, não era nenhuma. A escola, eram os operários que ensinavam na própria oficina. Em oficinas diferentes, chamava-se à mesma coisa, nomes diferentes. Aqui, em Évora, havia diferença de oficina para oficina. Chegou a haver 11 oficinas. Mas sabe, aqueles profissionais velhos, não transmitiam o seu saber

facilmente, reservavam, o saber, para si. Eram raros aqueles que ensinavam. O mestre não queria ensinar o aprendiz porque este era o inimigo do seu posto de trabalho. Havia confrontos, brigas. Ah! Estás armado em espertinho! Já pensas que sabes tudo!”. Excerto de Entrevista a José Luís Correia Louro, realizada na Sala da Reserva da Tipografia, no Convento dos Remédios por Alexandra Charrua, 10 Dez. 2015, registo vídeo.

“Na época que me tenho vindo a referir, trabalhavam, para além do meu tio, o irmão dele, senhor José Santos, compositor, um distinto operário na arte de ‘empinar chumbinhos, ao ritmo das batidas do coração’. Era também, o encarregado de distribuir as tarefas dos operários; o filho; João Louro dos Santos, impressor a cargo de uma máquina minerva de médio formato, com a velocidade máxima de mil e duzentos impressos/hora; o senhor Arnaldo Páscoa, noutra minerva de maior formato; o Alfredo Palminha na máquina mais pequena, quase destinada a cartões de visita; o Jorge Palminha, na cartonagem; como compositor – meio-oficial; o Cristiano Macarrão, figura ímpar em relações sociais entre o operariado. (...) Voltando ao ‘staff’ da tipografia, o Bráulio Marreiros veio ocupar a máquina até ali a cargo do João Santos, pelo motivo da instalação da moderníssima máquina minerva automática “Heidelberg”, agora nas mãos do filho do patrão. A saída dos Palminhas permitiu a entrada do Orlando Brito e do Pedro Oliveira, salvo erro. Se não for bem assim também não tem importância de maior, porque o meu grande propósito é apontar a presença desses operários na tipografia que, por motivos de melhores salários, saltavam de casa para casa: Minerva Comercial; Imprensa Moderna; Gráfica Eborense; Eborauto; Diana; B.F.C. e Evoratipo e o Zé Luís, que aos vinte anos ganhava vin-

Planta da Oficina Tipográfica na Rua Miguel Bombarda N.º 33-33 A. José Manuel dos Santos requer concessão de Alvará de Licença para Exploração de Oficina Tipográfica em Évora, de 9 de Maio de 1939. A Tipografia Nova começou a funcionar com: “quatro operários do sexo masculino equipada com composição manual; uma máquina de impressão JUWEL manual, alemã; uma máquina de impressão DIAMANT manual, alemã; uma máquina de impressão pequena, manual, sem marca; uma guilhotina francesa; uma picotadeira alemã e tinha força motriz de 2 H.P. de dois motores de 1 H.P”. In, Processo N.º 4/1557 de 11 Maio de 1939, anterior I.I.I.P.T. N.º 3804.



Johannes Gensfleish Gutenberg

E A INVENÇÃO QUE MUDOU A COMUNICAÇÃO DE MASSAS

É do domínio público que Johannes Gensfleish Gutenberg, ourives de ofício, por volta de 1445, aperfeiçoou os caracteres móveis, inventados pelos chineses, e criou o sistema da prensa tipográfica, modificando as prensas de papel / vinho da época. Ao compor e imprimir centenas de exemplares da Bíblia (a Bíblia de 42 linhas como ficou conhecida em linguagem tipográfica), em alemão, de forma muito mais célera, fez com que a cultura, então restrita a elites, se massificasse. Qualquer livro, não só a Bíblia, era até então produzido morosamente à mão por copistas, em latim, mas Gutenberg fez com que os livros e a cultura saíssem dos claustros dos conventos, das cortes e dos palácios para a rua. A escolha de um convento, como palco para esta exposição, não foi de todo inocente.

te-mil-reis por dia – de segunda a sábado, foi parar ao «*Notícias d'Évora*», com o ordenado de cinquenta escudos por dia, sete dias da semana. Uma ‘fortuna’, como dizia a minha pobre mãe, e onde estive uma dezena e meia dos melhores anos da minha vida.” Excerto de crónica de José Luís Correia Louro *PARAFRASEANDO “SE BEM ME LEMBRO” Ao meu amigo Armando Ribeiro*, In Facebook, 13 Dez. 2016.

José Luís especializou-se impressor. E saiu da Nova para preencher a vaga de impressor no jornal do «*Notícias d'Évora*».

“(...) Depois morreu o filho (o João) e eu comprei a oficina por 250 contos, em 70. Gostei sempre muito da Tipografia Nova, aquela casa albergou-me lá, desde os tenros anos até hoje, só com um intervalo em que eu fui trabalhar para o «*Notícias d'Évora*» durante 14 anos e na melhor das situações, na melhor das atitudes que eu tomei. Um lugar onde eu também gostei muito de trabalhar.” Excerto de Entrevista a José Luís Correia Louro, realizada na Sala da Reserva da Tipografia, no Convento dos Remédios por Alexandra Charrua, 10 Dez. 2015, registo video.



À direita: José Luís Correia Louro (oficial-impressor do jornal); atrás: Lígio Teles Coelho e Alberto Pinheiro (compositores); à esquerda dos cavaletes: José Pinto Ribeiro e José Gomes Ferreira Ramos (compositores), na sala de composição manual da Oficina Tipográfica do jornal «*Notícias d'Évora*», impresso entre 1900 e 1992, na Rua dos Tauros. Prova fotográfica p/b, s.a., anos 60, publicada por MONIZ, M. Carvalho *Dominicais Eborenses*, 1999, p. 285.

José Luís, tal como o tio, revelou-se um apaixonado pelas artes e tradições locais; sendo muito activo no movimento associativo. “A arte de tipógrafo não foi uma escolha, mas sim, uma necessidade a que se deu com amor” nas palavras de Monarca Pinheiro. PINHEIRO, João Monarca *O Senhor do Sonho, José Luís Correia Louro. Artes e ofícios*, In, «*O Giraldo*» N.º 82, Fev. 1991, p.19.

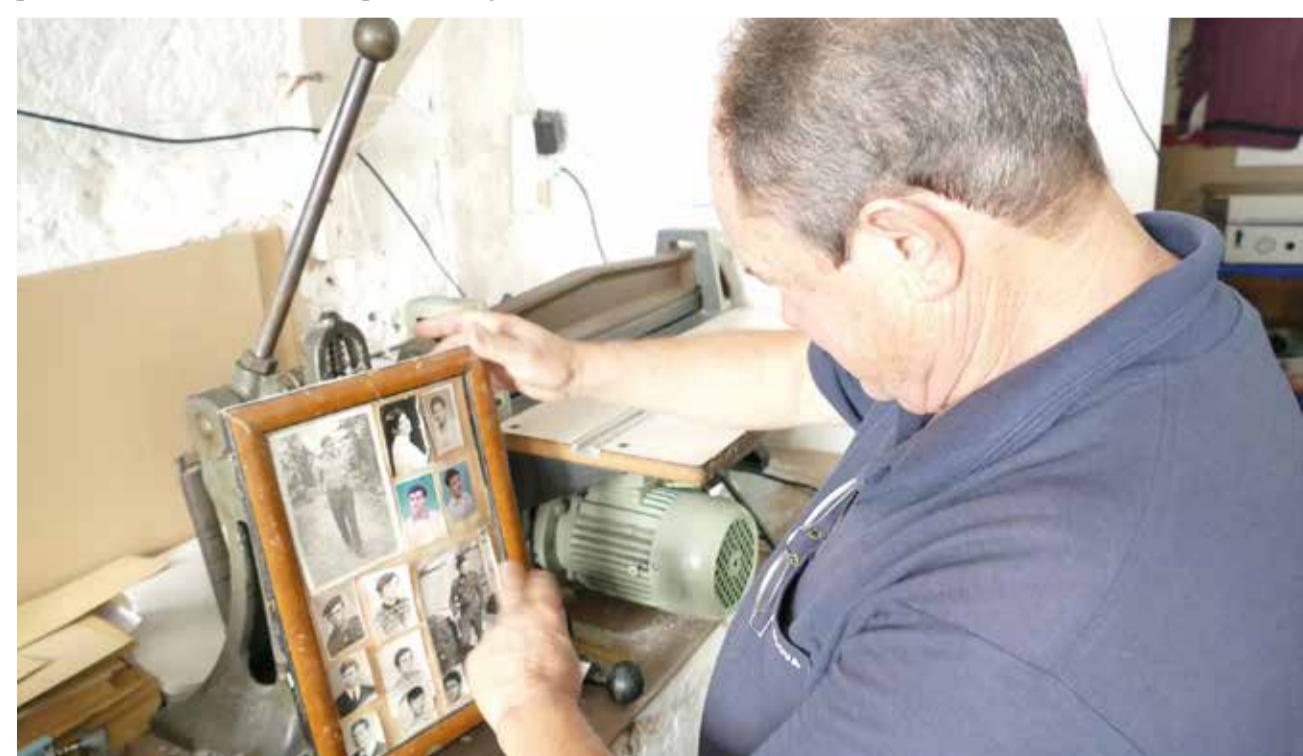


À direita: José Luís Correia Louro, sócio N.º 9798, promovido a Aprendiz em 1950 na Tipografia Nova; admitido e promovido a Oficial Impressor na firma Carlos Maria Pinto Pedrosa, Herdeiros por declaração do jornal «*Notícias d'Évora*», em 1956; e a Oficial Compositor em 1975, na Tipografia Nova.



A 1 de Janeiro de 2000, José Luís cedeu a exploração da Tipografia Nova a três funcionários da oficina: Armando Joaquim Carrão, impressor (n.1951-), que aí começara a trabalhar em 1966, a fazer mandados, passando pelos acabamentos, tornou-se impressor tendo aprendido na "Heidelberg", com Orlando Pinto Brito Mestre (n.1939-); Pedro Miguel Ferreira Batista, informático (n.1975-), sobrinho de José Luís, entrou na Nova em 1992, começando nos acabamentos, dotado de uma intuição natural, aprendeu composição manual com caracteres de chumbo, impressão manual com os colegas, operários da oficina e hoje assegura a parte informática; e João Manuel Franco Infante, impressor (n.1963-), que aí entrou em 1976, como aprendiz, tornando-se impressor sob orientação técnica de Armando Carrão. Os três constituíram a APJ Artes Gráficas, Lda. – Tipografia Nova. Há cerca de 6 anos, a APJ Artes Gráficas, Lda. contractou o impressor José António Saúde Rocha, natural de Vila Viçosa (n.1968-), onde começou por trabalhar na Gráfica Calipolense e, já em Évora,

transitou há uns anos, da Imprimévora - Estúdio Gráfico, Lda., na Travessa do Passarinho N.º 9 B, para a Nova. Em 2000, o espólio tipográfico antigo da oficina da Tipografia Nova estava obsoleto e era urgente ganhar espaço para adquirir e instalar novos equipamentos. Por o espólio constituir um importante testemunho da memória do ofício, de oficiais eborenses e das técnicas de composição e de impressão manual, entretanto substituídas pela composição gráfica em computador e pela impressão em offset, este foi incorporado na Câmara Municipal de Évora; seguindo-se o seu inventário, onde José Luís colaborou na identificação, datação, estudo, documentação e conservação da coleção e participou como detentor do saber-fazer no projecto de investigação *Diário Tipográfico Eborense*. A Câmara Municipal de Évora atribuiu a José Luís Correia Louro a Medalha de Mérito Municipal, no Dia da Cidade, 29 de Junho de 2005, como reconhecimento pela sua humanidade e mestria nas Artes Gráficas.



Armando Joaquim Carrão com um quadro da Oficina onde iam colocando fotografias de operários e colaboradores que lá trabalharam. Trabalho de campo com Armando Joaquim Carrão, fotografia digital de Alexandra Charrua, 20 Out. 2016.

EBORAUTO, LDA.

GRUPO «DIÁRIO DO SUL»

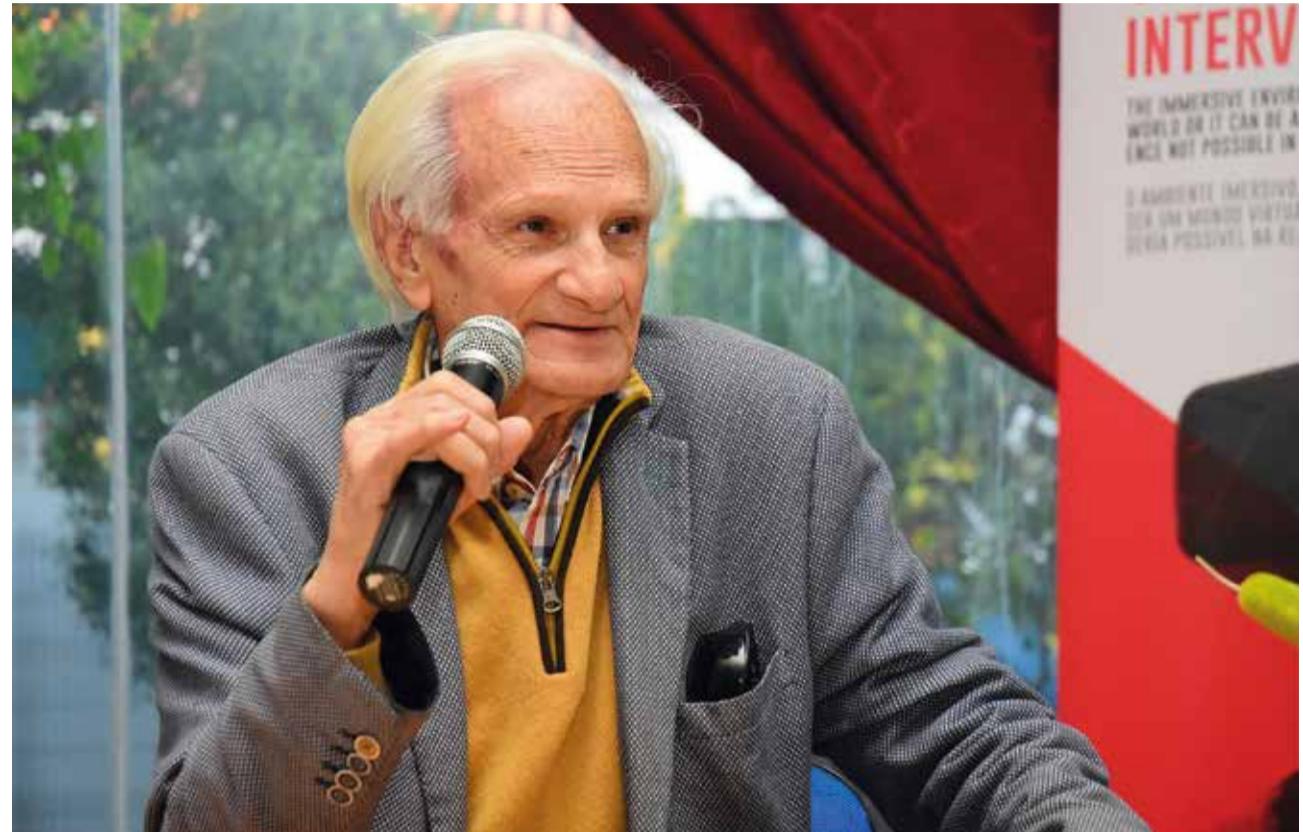
Évora - Centro Histórico
Praça Joaquim António de Aguiar N.º 25

Periferia - Estrada de Arraiolos - Évora Armazéns Sosucata-Grupo «Diário do Sul» Deslocalização | 1990

www.diariodosul.com.br

Uma das figuras homenageadas pelo «Expresso» nos 40 anos do 25 de Abril. (...). “No fascismo, a censura olhou-o de viés como “anarquista”; no PREC, era tido como fascista. De permeio, na Primavera Marce-lista, resistiu ao canto da sereia para engrossar as fi-leiras do Estado Novo. Sou o único director de jornal que vem do tempo do salazarismo (...).” *Manuel Madeira Piçarra, Um director de Jornais entre a Censura e o PREC*. Texto PAIXÃO, Paulo; fotografia FERREIRA, António Pedro. In, «Expresso» N.º especial: 25 de Abril, 40 anos, publicado com N.º 2163, Lisboa, 1.º vol., Maio 2014, pp.106-107.

Manuel Madeira Piçarra nasceu em Moura, em 1930. Veio viver para Évora com a avó materna. Concluiu o Liceu e inscreveu-se no curso de direito na Faculdade de Direito, que frequentou até o 3.º ano. Questões financeiras impedem-no de continuar regressando a Évora. Iniciou um percurso ligado ao negócio de sucata e ao comércio automóvel, actividades que manteve ao longo da vida. Entrou na indústria gráfica envolvendo-se, quer na instalação, quer na gestão, de quatro oficinas tipográficas em Évora. Começou por ser gerente da gráfica Eborauto, Lda., em 1957, sediada na Praça Joaquim António de Aguiar N.º 25, no 1.º piso do Stand de Automóveis, e que foi licenciada em 1959. Desta adquiriu uma das quotas de sociedade, em 1962; e era sócio maioritário em 1971. E, em 1979, detinha conjuntamente com a esposa e os filhos a totalidade das quotas. In, *Tipografia Eborauto Lda., MONTE, Gil do_ Subsídios para a História da Tipografia em Évora nos séculos XIX e XX. Gráfica Eborense, Évora, 1980. p.265; pp.267-272.*



Manuel Madeira Piçarra, criador e director do jornal regional «*Diário do Sul*», jornalista e defensor da imprensa local, industrial gráfico eborense, fundador da Eborauto, Lda. e da Evoratípico-Artes Gráficas, Lda.; apoiou a instalação da Braúlio, Fonseca & Caeiro, Lda. (BFC) e criou o Grupo «*Diário do Sul*».

À IMPRENSA

Prezados camaradas: mais outro Jornal tendes nas vossas mãos, esperançado em bem-servir. Mais outro Jornal está ao vosso lado para prestígio da Imprensa e dignificação do jornalismo. A modéstia dos nossos recursos não permitirá, no entanto, largos voos pelo que, por agora, mais vos não podemos dar do que a generosa e leal colaboração, ao serviço da causa comum. Ao «*Notícias d'Évora*», velho paladino de uma luta constante do dia a dia e a quantos nele trabalham; à «*Democracia do Sul*» obstinado e corajoso diário arrostando de dificuldades, e a quantos nele labutam; à «*Defesa*» semanário católico de larga projecção, e àqueles que a honram, a todos os nossos abraços de camaradagem. Aos periódicos locais «*O Leme*»; o «*Lusitano*»; «*Boletim do Juventude Sport Club*» e ao destemido «*D. Quixote*», a todos eles a nossa muita simpatia. A toda a Imprensa do País, aos correspondentes locais da Imprensa Diária, ficam abertas as nossas páginas." In, 1.^a edição do semanário «*Jornal de Évora*», N.^o 1, Évora, 25 Dez. 1957. Diretor e Proprietário Madeira Piçarra, Editor Fernando Iglesias, Redactor principal Valentim Alferes, Redacção e Administração na Praça do Sertório N.^o 4, Composição Impressão Tipografia Diana na Travessa de Santo André N.^o15, Évora. in Arquivo «*Diário do Sul*».



Capa do «*Diário do Sul*», Ano I, N.º 1, Terça-feira, 25 Fev. 1969, p. 1, Fundador e Director Madeira Picarra. In Arquivo «*Diário do Sul*»

Em 1973, para dar resposta ao enorme volume de trabalho comercial que a tipografia foi angariando, para além do trabalho corrente de composição e impressão de jornais, fundou a Evoratipo-Artes Gráficas, Lda., na Travessa Paulo Ramalho, N.º 2 B.

Em 1975, o Jornal e a Gráfica Eborauto, Lda. foram ocupados por um grupo de opositores políticos locais. A situação agravou-se com a prisão de Manuel Madeira Piçarra, em Caxias. No regresso, Manuel Madeira Piçarra, desencantado, meteu um processo judicial aos ocupantes, no Tribunal de Évora, que acabou por vencer. Conta-nos que vendeu a Gráfica da Eborauto, Lda. em 1977. O processo industrial foi cancelado em 1986. In, Ministério da Economia, SEI, Direcção-Geral dos Serviços Industriais, 4.ª Circunscrição Indústria, Processo I.I.I.P.T. N.º 4/348. Eborauto, Lda. Processo cancelado 20 Abr. 1986. “Ao Director da Delegação Regional de Évora do MIC “(...) compareci (...), tendo verificado que a mesma foi desmantelada e o seu equipamento vendido. Proponho que o presente processo seja cancelado”, assina Ricardo Jorge Saint-Maurice Melo de Oliveira.

Em 1980, Manuel Madeira Piçarra apoiou a instalação da Braúlio, Fonseca & Caeiro Lda. (BFC) na Rua de S. Cristóvão, N.º 30, e entregou-a a três dos seus tipógrafos: Bráulio Barreiros Mendes, Francisco Eduardo Garcia Fonseca (1955-) e Feliciano Rogério Correia Caeiro (1939-), bem como a composição e impressão do jornal «*Diário do Sul*». Durante a entrevista, Feliciano Caeiro disse-nos com muito orgulho “Fiz o primeiro «*Jornal de Évora*» e o primeiro «*Diário do Sul*».” Excerto Entrevista a Feliciano Caeiro a 20 Fev. 2018 realizada na Reserva da Tipografia, no Convento dos Remédios, por Alexandra Charrua, registo video. Um dos sócios, Francisco Eduardo Garcia Fonseca, tinha iniciado o seu percurso laboral em 1969 na Eborauto, Lda., onde começou a trabalhar com 14 anos, ao acabar a 4.ª classe, como aprendiz e ali se especializou compositor manual e posteriormente linotipista. “(...) quando a Evoratipo foi constituída, na Eborauto, Lda., ficámos basicamente só com o jornal, (...). Aqui, para além do nosso, chegámos a ter vinte e tal jornais, fazímos o «*Jornal de Beja*», para Estremoz «*O Brados do Alentejo*», o «*Ecos de Estremoz*», o «*Notícias de Vila Viçosa*», o «*Tribuna do Povo*» do Seixal, para Portalegre também, e fazímos muitas edições, livros e revistas, alguns destes livros que o director publicou, pelo menos dois, foram feitos por mim na Linotype e depois mandávamos a Lisboa para empresas próprias para encadernação, os acabamentos eram feitos lá. Trabalhei na Eborauto, Lda. até à ocupação, depois estive na tropa em Vendas Novas, era 1.º Cabo, em 1976 fui deslocado e autorizado a acabar de cumprir o restante tempo de serviço em Évora, tendo permissão, nas horas vagas, conjuntamente com Feliciano Caeiro, para fazer a composição do jornal «*Diário do Sul*», íamos fazendo o jornal.” Excerto de Entrevista a Francisco Eduardo Garcia Fonseca, realizada no «*Diário do Sul*», 2 Out. 2019, por Alexandra Charrua, registo video. Sócio da Braúlio, Fonseca & Caeiro, entre 1980-

2000, período em que o «*Diário do Sul*» era base de sustentação, “tínhamos a obrigatoriedade de entregar o jornal todos os dias até às 19h00-20h00 da noite e tínhamos uma boa carteira de clientes e os CTT muito próximo, na Rua dos Penedos.” A BFC começou com 10 operários e chegou a ter 21. Excerto de Entrevista a Manuel Madeira Piçarra, realizada no escritório da Sosucata, por Rui Arimateia e Alexandra Charrua, 28 Mai. e 18 Jun. 2019, registo manuscrito. Em 2000, a BFC foi vendida pelos 3 sócios e adquirida por novos sócios, e em 2007 declararam falência e fecharam portas. In, ME Ministério da Economia, Delegação Regional do Alentejo, Évora, Processo de Estabelecimento de Actividade Industrial, referências REAI, Data de entrada 19 Set. 1984, Processo N.º 85-0705149 LIC. IND. 1669, tipo 3, CAE 22210 e 22220. Processo cancelado em 2009.

Quando Manuel Madeira Piçarra, adquiriu uma máquina de imprimir a 4 cores, decidiu centrar toda a actividade jornalística e gráfica nas instalações da Sosucata, na Estrada de Arraiolos-Évora. Há alguns anos, transferiu a gestão dos negócios do Grupo «*Diário do Sul*», do jornal «*Diário do Sul*», Diário do Sul TV e Rádio Telefonia do Alentejo, para os filhos: Manuel José Sertório Madeira Piçarra; Maria da Conceição Sertório Madeira Piçarra, Paulo Jorge Sertório Madeira Piçarra e José Miguel Sertório Madeira Piçarra. Paulo Jorge Sertório Madeira Piçarra assume o jornal como editor.

Manuel Madeira Piçarra reuniu ao longo da vida um espólio documental que constitui o Arquivo «*Diário do Sul*», que regista o seu percurso, marcado pelo lançamento das revistas literárias «*Horizonte*» e «*Dom Quixote*» e pelo «*Jornal de Évora*», cujo primeiro número saiu à rua no dia de Natal, a 25 Dez. 1957, e também do «*Diário do Sul*» e de várias edições de autor, de um olhar muito atento à sociedade e ao mundo que o rodeia.



Da esquerda para a direita: Francisco Fonseca (paginador), Ana Paias (paginadora), Marina Pardal (jornalista), Maria Antónia Zacarias (jornalista), Verónica Bico (administrativa), Anabela Carrilho (paginadora), Manuel Carrascozinho (paginador) e Roberto Dores (jornalista), na sede do jornal «*Diário do Sul*», na estrada de Arraiolos-Évora. Fotografia do «*Diário do Sul*», 25 Fev. 2019.

Francisco Fonseca voltou ao «*Diário do Sul*» em 2008 e assumiu o papel de paginador, alinhando a composição e a paginação gráfica das notícias remetidas diariamente pelo editor, Paulo Jorge Sertório Madeira Piçarra, jornalistas e angariadores de publicidade da empresa.



Francisco Eduardo Garcia Fonseca (n.1955-) homem de continuidade e de afectos, essencial na engrenagem bem afinada da família Madeira Piçarra e do jornal, nas bancas há mais de 51 anos. Sentado frente à máquina impressora a 4 cores “Solna”. “Quando se comprou esta rotativa, que está aqui atrás de mim, em segunda mão, há mais de 20 anos, ainda ficámos com alguns jornais para o Algarve, mas houve cumprimentos e a partir de certa altura ficou só o «*Diário do Sul*».” Excerto de Entrevista a Francisco Eduardo Garcia Fonseca, realizada no «*Diário do Sul*», 2 Out. 2019, por Alexandra Charrua, registo video.

É VORA

OS ÚLTIMOS 180 ANOS DE ACTIVIDADE TIPOGRÁFICA

Em Évora, nos últimos 180 anos, os registos oficiais e a documentação, indicam que aqui funcionaram mais de 50 oficinas tipográficas. Entre 1840 e 2020, o número impressiona e prova a vitalidade da actividade gráfica e uma notável produção de materiais gráficos.

ÉVORA, DIÁRIO TIPOGRÁFICO UMA INVESTIGAÇÃO EM CURSO

O projecto de investigação que está a decorrer, *Diário Tipográfico Eborense*, enquadra-se no domínio das competências de processos e técnicas tradicionais das artes gráficas em Évora. O Diário tem vindo a registar, estudar, contextualizar e documentar o saber-fazer de industriais, artistas e tipógrafos eborenses, no activo ou na reforma. Envolvendo mais de três dezenas de pessoas (entre detentores deste saber-fazer e participantes do mesmo), em trabalho de campo, fez registos, gravações em vídeo e entrevistas; em gabinete, arquivou documentação e testemunhos associados à transmissão, história e memórias do saber-fazer da arte gráfica, para que possa ser conservada e transmitida às gerações seguintes. Numa primeira fase O Diário olhou para as gráficas activas da cidade. Numa segunda fase olhará para as gráficas desaparecidas.

Os tipógrafos formavam-se na oficina tipográfica, em contexto e prática laboral, ao longo de anos. O saber-fazer era intergeracional e era transmitido pelos oficiais, que começavam por testar os mais novos e encaminhá-los para as áreas onde mostrassem mais apetência: composição, impressão ou acabamentos. Estes rapazes, muito novos, entravam na oficina como faz-tudo ou aprendiz, para fazer mandados e entregas; limpar os rolos de tinta, limpar o chão; carregar, arrumar e intercalar papéis e, nos momentos mortos, aprender a caixa tipográfica. “Ali, aprendiam a ler e escrever, aprendiam a caixa tipográfica, eram “experimentados, uns começavam a compor, outros a imprimir, os menos dotados iam para a encadernação”. A excepção a essa regra era o tipógrafo ou o encadernador formado nas Oficinas da Imprensa Nacional, nas Oficinas de S. José, em Lisboa, ou na Casa Pia, em Évora.

António Carrapato fez um péríodo fotográfico in situ às quatro gráficas activas no centro histórico de Évora, parceiras do projecto de investigação: APJ Artes Gráficas, Lda. - Tipografia Nova; Tipografia Lusitânia; Evoratipo - Artes Gráficas, Lda.; Tipografia Geraldo; e a duas que se deslocaram para a periferia: SIRE - Gráfica Eborense e Grupo «*Diário do Sul*». O resultado integra a exposição *Impressores de Memórias d' Évora*, patente na galeria do Convento dos Remédios, em Évora, onde o público pode visitar a coleção tipográfica tradicional, incorporada com origem em diversas doações de gráficas da cidade. As visitas guiadas e on-line à exposição e à coleção de tipografia tradicional eborense são conduzidas pelo projecto associado Letra de Imprensa.

EVORATIPO ARTES GRÁFICAS, LDA.

Évora - Centro Histórico
Travessa Paulo Ramalho N.º 2 B

evoratipo@mail.telepac.pt

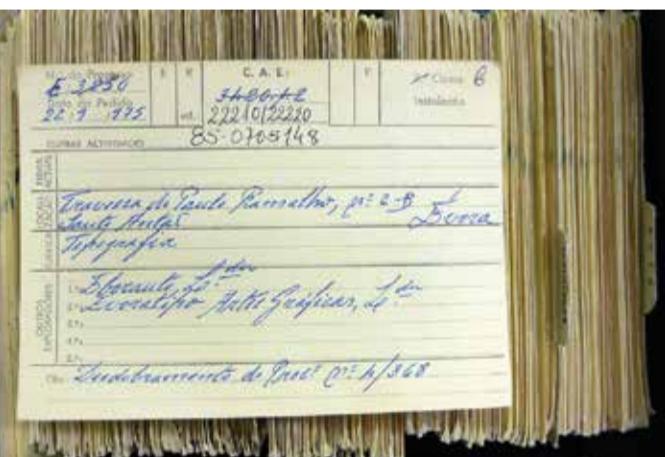
Em 1973, Manuel Madeira Piçarra abriu a Evoratipo - Artes Gráficas, Lda., na Travessa Paulo Ramalho, N.º 2 B, para dar resposta ao enorme volume de obras de composição e impressão de trabalhos comerciais que se avolumavam na Eborauto, Lda., com 80% do seu capital. Deslocou funcionários, maquinaria e nomeou como encarregado um tipógrafo experiente e exigente da Eborauto, Josélio da Silva Murteira. De acordo com a informação do despacho da 4.ª Circunscrição Industrial “Em 23 Jul. 1973, a mesma firma (EBORAUTO, LDA) desdobrou a oficina referida, mantendo no local da sede a tipografia do jornal e transferindo a parte “de comercial”, isto é “casa de obras” para a Travessa Paulo Ramalho N.º 2 B, desta cidade, conforme requerimento de vistoria dessa data. Porque se mantinha a firma, o mesmo equipamento e o mesmo pessoal, embora trabalhando em locais diferentes, ainda que próximos, não foi organizado novo processo RILEI. Entretanto por questões de gestão, foi criada uma firma, a Evoratipo-Artes Gráficas, Lda., da qual a Eborauto, Lda. dispõe de 80% do capital, para exploração independente da referida secção de “casa de obras”, facto que é do conhecimento desta Circunscrição Industrial, até porque sendo cliente de trabalhos da Eborauto, os mesmos passaram a ser facturados pela Evoratipo. Pela Circunscrição, foi indicado a esta firma de que devia requerer o respectivo averbamento, o que fez nesta data. Assim, deve ser organizado um novo processo RILEI, por desdobramento do processo N.º 4/348 a que se juntará o requerimento de vistoria de 23 Jul. 1973. Évora 22 Set. 1975. Assinado Jorge Pinheiro Alves, Chefe da Circunscrição”. In, Ministério da Economia, SEI, Direcção-Geral dos Serviços Industriais, 4.ª Circunscrição Industrial, Processo I.I.I.P.T. N.º 4/348.



José Júlio Coutinho Calado (impressor) e Pedro Calado (impressor e informático), pai e filho. Registos *in situ* Evoratipo-Artes Gráficas, Lda., fotografia digital de António Carrapato, 2019.

Naquela altura havia a possibilidade de mudar. Eu ganhava 12, tu dás-me 13 vou par aí, e isto rodava assim. Depois houve uma altura em que os funcionários começaram eles próprios a montar casas, surgiram a Lusitânia do Marruz, a Geraldo do Amaro, a Grafiante do Evaristo Cardoso.” Excertos de Entrevista a José Júlio Calado, realizada na Evoratipo-Artes Gráficas, Lda. por Alexandra Charrua, 29 Out. 2019, registo video.

Só na secção de impressão eram alguns dez, na composição mais dez, e na encadernação eram cinco. ... Na composição, havia o João Calapez, o Aleixo, o Zé Manuel, o Josélio e depois havia os aprendizes como eu. Havia lá muita gente, trabalhava-se muito nessa altura. Os jornais eram muitos. Havia o «Jornal de Évora»; o «Notícias do Sul», de Beja; o «Aurora Africana», da Amadora. Fazíamos trabalhos para a Caixa de Previdência a nível nacional, actual Segurança Social. Tudo ali ia parar. Eram sempre dois turnos e quando havia jornais era até às seis da manhã, era assim que funcionava a Eborauto. A gente trabalhava à noite, lá em cima, e depois tínhamos direito a uma ceia, e quem estava ali, por trás da Eborauto, era a taberna do Fialho. Já se comia bem. Aí à meia-noite, uma hora antes de ele fechar aquilo, metia lá num cestinho e a gente lá da janela dizia: ‘Vá, Sr. João, que era o funcionário de serviço, meta lá isso’. Puxávamos o cestinho e era a ceia. De manhã, cedo, começavam a vender leite porta-a-porta. Nós, como trabalhávamos com chumbo, o senhor que distribuía deixava duas caixas daquele leite fresquinho, sabia tão bem aquele leite! São coisas daquele tempo, havia coisas ruins, mas havia coisas boas.” Excertos de Entrevista a José Júlio Calado, realizada na Evoratipo-Artes Gráficas, Lda., por Alexandra Charrua, 29 Out. 2019, registo video.



Ministério da Economia, Ficha de averbamento de Licenciamento Industrial da Eborauto Lda. e da Evoratipo, Artes Gráficas, Lda. Trabalho de arquivo, fotografia digital de Alexandra Charrua, 2009.



Quadro de ardósia da Oficina que serviu noutros tempos para listar e distribuir diariamente os inúmeros trabalhos comerciais a compor, imprimir e a dar acabamento. Registos *in situ* Evoratipo-Artes Gráficas, Lda., fotografia digital de António Carrapato, 2019.

Em 1996, Josélio da Silva Murteira trespassou a Oficina a Feliciano Barrancos e a José Júlio Coutinho Calado. Há uns anos, a oficina passou a ser uma oficina familiar, onde trabalham pai e filho, Júlio e Pedro Calado. “Nos anos 90, nessa altura, tínhamos aqui 10-12 empregados. No escritório tinha a Ana Maria, mulher do Miguel Trias Jorge (encadernador na Gráfica Eborense). Houve mais 3 ou 4 mulheres aqui. Na Eborauto houve e transitaram para a Evoratipo. Na impressão era o Costa, eu, o Pedro, o Braúlio Barreiros Mendes, que ainda aqui esteve antes da BFC. Na encadernação e acabamentos estava o Feliciano Barrancos, o filho, o João Barrancos, era o informático, com o António Manuel Mochila, a Fátima Neves, a Teresa e a Luísa. Na composição estava o João Calapez, o Manuel Valadas, o Aleixo, todos vindos da Eborauto, Lda. e alguns também da Diana Litográfica.

“Como a Evoratipo era uma casa que fazia muito trabalho comercial, primeiro o Josélio comprou uma máquina só para fazer letras em chumbo, ainda deve haver aí algumas dessas letras, depois foi vendida e vieram as offsets, uma velha de 50 anos, e depois outra e foi assim.” Excertos de Entrevista a José Júlio Calado, realizada na Evoratipo-Artes Gráficas, Lda., por Alexandra Charrua, 29 Out. 2019, registo video.

José Júlio Coutinho Calado nasceu em 1948. Começou novo a trabalhar na Eborauto, Lda., na encadernação. Depois como se ganhava mais, pediu ao patrão, Manuel Piçarra, para ir para as máquinas de impressão. “Os meus mestres foram o Pedro Oliveira, o Joaquim Malarranha, o Teigão e o Soeiro. Das seis da tarde à meia-noite só havia dois impressores. Trabalhavam mais de 20 pessoas naquela casa nessa altura.



José Júlio Calado a rever o arquivo de cartazes impressos na Evoratipo, Artes Gráficas, Lda. Trabalho de campo, Alexandra Charrua, 29 Out. 2019, fotografia digital.

TIPOGRAFIA LUSITÂNIA

FUNDAÇÃO | 1985

Évora - Centro Histórico
Rua Pedro Colaço N.º 23
tipografialusitania@gmail.com

José Manuel Marruz Rico, nasceu em 1955, no Redondo, no seio de uma família de oleiros. Filho de mestre Noémio Rico, durante a infância vem com os pais viver para Évora, para o Largo do Chão das Covas. Na cidade descobre o mundo da tipografia. “Em miúdo, quando andava na escola primária, ia muito para a tipografia do jornal «*Democracia do Sul*», na Rua de Valdevinos. Adorava! Eu, quando saía da escola, ia lá para a janela ver a composição manual que se fazia e gostava de estar a ver imprimir o jornal. Era impresso por um grande mestre, o mestre Bráulio. A minha história da tipografia vem por aí.”

Aos 13 anos, começou a trabalhar como caixeiro na papelaria da Imprensa Moderna, na Rua Miguel Bombarda N.º 17. Aos 14, entrou como aprendiz na oficina de tipografia da Imprensa Moderna. E aos 16 anos, já era impressor, tinha ficado aprovado no exame de impressor, na categoria de meio-oficial impressor, que foi fazer a Lisboa. “O meu mestre impressor na Imprensa Moderna foi o Brites, um grande tipógrafo.”

Em 1972, entrou para a Tipografia Nova, na Rua Miguel Bombarda N.º 33-33 A, para ocupar uma vaga de impressor. “À do Zé Luís estava tão à vontade que me dava gosto trabalhar. E ele deu-me a hipótese de trabalhar em todos os campos da arte gráfica. Aí desenvolvi-me como gráfico.”

Em 1983, José Rico instalou por iniciativa própria uma tipografia no Redondo, num espaço que lhe foi cedido nos Paços do Concelho do Município, mas o volume de trabalho não era suficiente para manter a actividade.

Dois anos depois, voltou a Évora e instalou a Tipografia Lusitânia na Rua Pedro Colaço, N.º 23, no espaço onde permanece de porta aberta ao público.



José Manuel Marruz Rico à porta da Tipografia Lusitânia, fundada em 1985, na antiga zona do Farrobo em Évora. Registos *in situ* Tipografia Lusitânia, fotografia digital de António Carrapato, 2019.

“Aqui em Évora, havia muito trabalho de tipografia. Eu aqui, por minha conta, quando havia alguma falha de papel ou isso, procurava sempre à do Zé Luís ou à Gráfica Eborense, porque a Gráfica Eborense foi uma tipografia que me marcou muito, vendeu-me as primeiras máquinas para começar e deu-me condições para pagar, ajudou-me muito nesse capítulo e eu fui sempre muito amigo da Gráfica Eborense. Havia lá um grande mestre, o mestre Edmundo, que era chefe da gráfica.”

Em 2020, é na sua gráfica, a Tipografia Lusitânia, que mestre Marruz, com 65 anos, se mantém activo. Excertos de Entrevista a José Manuel Marruz Rico, realizada na Tipografia Lusitânia, 18 Fev. 2016, por Alexandra Charrua, registo vídeo.



“Original Heidelberg” de pinças. Registos *in situ* Tipografia Lusitânia, fotografia digital de António Carrapato, 2019.



Rolos de impressão. Registos *in situ* Tipografia Lusitânia, fotografia digital de António Carrapato, 2019.



Cavaletes de tipos de chumbo e mesa de composição de José Manuel Marruz Rico na Tipografia Lusitânia. Fotografia digital de trabalho de campo de Alexandra Charrua, 2019.

TIPOGRAFIA GERALDO

FUNDAÇÃO | 1991

Évora - Centro Histórico
Travessa da Palmeira N.º 15-17

www.tipografiageraldo.pt

Amaro Martinho Barreto Franco nasceu em Évora, em 1943. Começou a trabalhar aos 12 anos em tipografia, na Tipografia Nova, onde esteve cerca de seis anos. Com 18 anos, foi para a Imprensa Moderna, onde era compositor. No meio, meteu-se a Tropa e a ida ao Ultramar. No regresso, casou com Deolinda, nascida em Évora, em 1945.

Em 1968, Amaro voltou à Imprensa Moderna. E, em part-time, colaborava no jornal «Notícias d'Évora». “Convidaram a gente para ir lá fazer umas horas. Durante o dia trabalhava na Imprensa Moderna e à noite ia para lá. Lá fazíamos facturas; programas, na altura era o Salão Central, fazia-se todos os dias o programa do filme que havia nesse dia. Naquela altura fazímos o jornal «Comércio e Indústria», fazia-se também uma Agenda. Não havia assim mais nada de especial, naquela altura o trabalho era a facturação.”

Amaro no seu percurso tipográfico relata que passou uns 15 dias pela Litografia Diana de Justo Maria Nabais. “O Justo trabalhou na Gráfica Eborense, nas Portas de Moura, depois é que abriu a Diana, ali onde era aquela casa grande de esquina. Nessa altura, tinha aí talvez uns 18 empregados.” Excertos da Entrevista a Amaro Martinho Barreto Franco, Tipografia Geraldo, por Alexandra Charrua, 17 Jan. 2018, registo vídeo.

Em 1988-89, com um colega, o tipógrafo Joaquim Cascalho, da Imprensa Moderna, a esposa e o filho constituíram a sociedade a Ebográfica, Lda., na Rua de Valdevinos N.º 21, da qual saíram em 1991, para abrir esta gráfica familiar, com a esposa, Deolinda Maria Nabo Barreto Frango e o filho João Jorge, assim surge a Geraldo, na Travessa da Palmeira N.º 15-17.



Amaro Martinho Barreto Franco ao balcão de atendimento na Tipografia Geraldo. Trabalho de campo por Alexandra Charrua, 17 Jan. 2018, fotografia digital.

A Geraldo equipou-se com máquinas de impressão, offset, fotolitos e computador. Deolinda dava apoio administrativo, embora, quando fosse preciso ajudasse a intercalar, enquanto Amaro e o filho assumiram o trabalho gráfico: “Ainda me lembro do dia em que fomos a Almada ver as máquinas. ... aqui há alguns anos, nevou, levávamos neve no capot do carro até Pegões, nunca mais me esqueço disso. Era tudo equipamento caro, mas era durável e fiável ao ponto de poderes comprar em segunda mão e durar uma data de anos.”

“A Geraldo chegou a ter oito pessoas a trabalhar. Hoje estamos aqui os quatro e são demais. A realidade é esta, cada vez o trabalho é menos. Esta nova tecnologia, os computadores, tirou-nos muito trabalho. Uma das coisas que se fazia muito era envelopes, isso também já está a acabar, porque a partir do momento que



Da esquerda para direita: Joaquim Jorge Nabo Barreto Frango (informático), Amaro Martinho Barreto Franco (compositor), Joaquim Francisco Carrão Cambeiro (impressor) e Joaquim Vicente Furtado Barreto (acabamentos). Registos *in situ*, Tipografia Geraldo, fotografia digital de António Carrapato, 2019.

não mandam facturas, depois não há envelopes. Pois acaba por não ser preciso nada. Vai havendo uns flyers e umas coisas. Essas grandes gráficas on line são a nossa concorrência, e é tudo impresso noutras sítios. Na Alemanha e em Itália. Fazem os trabalhos com uns preços que “é de a gente bater com as mãos na cabeça, como é que eles conseguem aqueles preços?”. Excertos de Entrevista a Amaro Martinho Barreto Franco, Tipografia Geraldo, por Alexandra Charrua, 17 Jan. 2018, registo vídeo.

Deolinda reformou-se do trabalho da tipografia há uns 15 anos. O filho, Joaquim Jorge Nabo Barreto Frango, nasceu em Évora, em 1969. Viveu sempre no meio tipográfico eborense. Aos 10 anos já colava os blocos em casa, na tábua de costura da mãe. No «Notícias d'Évora», em part-time, começou a dobrar o jornal e a colar os rótulos de endereços dos que eram distribuídos em Évora e dos enviados para o resto do país; que eram aproximadamente 1000 para o centro histórico e 2000 mil para fora. Entrou como sócio na Ebográfica, Lda., que os pais abriram com Joaquim Cascalho. Depois de voltar da tropa, abriu com os pais a Tipografia Geraldo, Lda., onde se mantém há 27 anos. “Somos a última geração, mais novo que eu só o Pedro da Nova e o Pedro Calado.” Excertos de Entrevista a João Jorge Nabo Barreto Frango, Tipografia Geraldo, por Alexandra Charrua, 1 Fev. 2018, registo vídeo.



Joaquim Francisco Carrão Cambeiro impressor da Geraldo a imprimir o mapa da cidade de Évora, na offset Heidelberg. Trabalho de campo por Alexandra Charrua, 5 Abr. 2017, fotografia digital.



Joaquim Vicente Furtado Barreto consulta o Livro de Registros dos Trabalhos Gráficos, impressos na Tipografia Geraldo. Trabalho de campo por Alexandra Charrua, 5 Abr. 2017 fotografia digital.

Joaquim Francisco Carrão Cambeiro nasceu em Évora, em 1964, e faleceu a 31 de Dezembro de 2020. Entrou na Tipografia Nova aos 13 anos. Começou a “aprender a caixa” e a fazer composição manual com Orlando Pinto Brito Mestre. Durante oito anos trabalhou com uma máquina de impressão manual. No verão de 92, mudou para o Amaro, para trabalhar na Heidelberg de pinças e depois na offset. “Não tive aprendizagem praticamente nenhuma para trabalhar com offset, deram-me umas luzes e a partir daí, eu é que fui desenvolvendo, explorando e cheguei onde cheguei hoje.” Excerto de Entrevista a Joaquim Francisco Carrão Cambeiro, Tipografia Geraldo, por Alexandra Charrua, 5 Abr. 2017 e 23 Out. 2019, registo vídeo.

Joaquim Vicente Furtado Barreto, o mais novo da oficina, nasceu em Évora, em 1972. Aos 15 anos, começou a trabalhar como aprendiz de compositor na Imprensa Moderna. Esteve por lá dois anos. Na Tipografia Lusitânia esteve cinco. Passou na Geraldo, mais dois anos. Na Ebográfica, Lda. contou mais cinco anos. E regressou à Geraldo, onde se mantém há 16 anos, nos acabamentos. “Faço tudo.” Excerto de Entrevista a Joaquim Vicente Furtado Barreto, Tipografia Geraldo, 5 Abr. 2017 e 23 Out. 2019, por Alexandra Charrua, registo vídeo.

TIPOGRAFIA E IMPRENSA

CONCEITOS

TIPOGRAFIA “abrange duas funções principais, a composição: conjunto de técnicas de composição-junção de caracteres-tipos móveis que formam textos-palavras, linhas ou parágrafos; técnicas de montagem e imposição do material composto na rama que vai à máquina de impressão; e a impressão”. TIPÓGRAFO “designa compositores e impressores e, em casos concretos, pode ser apropriado por outros trabalhadores correlativos”. In, DURÃO, Susana – *Oficinas e Tipógrafos: Cultura e Quotidianos de Trabalho*. Dir. por Joaquim Pais de Brito. Lisboa: Dom Quixote, 2003. 351 p. (Portugal de Perto. Biblioteca de Etnografia e Antropologia; 41). ISBN 972-20-2226-1

9/2-20-2228-1.

IMPRENSA "designava originalmente a tipografia, ou seja, a arte de imprimir e o estabelecimento tipográfico". In, DIOGO, Manuel A.J. *A Tipografia de Caracteres Móveis no Contexto da Produção Editorial Contemporânea*. Dissertação de Mestrado, UL, FA, FBA, 2016. pdf. [Consult. 06 jan. 2020]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/29383>.

ÉVORA, 1840, A OFICINA TIPOGRÁFICA DO GOVERNO CIVIL

Em Évora, em 1840, foi instituída pelo Governo do Reino para auxiliar o expediente do Governo Civil e da Fazenda uma oficina de tipografia, no Colégio do Espírito Santo, a Oficina Tipográfica do Governo Civil. Teve como administradores Luís Ladislau Salomé da Silva e, mais tarde, Francisco da Cunha Bravo. Estava equipada com um prelo de ferro e contava com três operários: um tipógrafo e dois aprendizes, alunos da Casa Pia. Após 1880, seria transferida para a Casa Pia como Oficina-Escola. E, em 1886, passava para as mãos de José de Oliveira, ex-encarregado das Oficina do Governo Civil e da Casa Pia, com a designação Typografia Economica. O Regulamento para a Secretaria do Governo Civil do Distrito d' Évora, impresso na Typ. Governo Civil, 1843, citado por Gil do Monte, revela como estava organizada a Oficina. “Capitulo 9.º _Artigo 34.º _A tipografia estará entregue a hum Encarregado da Secretaria que dirigirá debaixo da inspecção Secretario Geral. Art. 35.º _O Encarregado da tipografia não mandará imprimir couza alguma por pequena que seja, não consentirá que se imprima sem autorização do Secretário Geral sendo para a Secretaria-geral ou para a Casa Pia. Art. único _Quando houver dimprimir para o público, só o fará depois que o Secretario Geral com sua rubrica tiver autorizado o autografo, o qual ficará em poder do Encarregado da Tipografia para a sua defesa. Art. 36.º _Exceptuão-se das disposições do artigo supra os papeis que o Governador Civil mandar imprimir por sua immediata ordem. Art. 37.º _A entrega na tipografia, he permitida, somente aos empregados n'ella e na Secretaria do Governo Civil; o Encarregado da tipografia he responsável pela execução deste artigo. Art. 38.º _He do dever do Encarregado da tipografia: alínea I _Fazer concertar a mesma em aceio e boa ordem. II _Manter em socego os aprendizes. III _Destinar-lhes serviço com que os tenha sempre ocupados. IV _Vigiar que os tipos se não espalhem ou destruão, e que os mesmos estejam devidamente classificados”. In, MONTE, Gil do *Subsídios para a História da Tipografia em Évora nos séculos XIX e XX*. Gráfica Eborense, Évora, 1980, p. 7.

ÉVORA, TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX PARA O XX, O ARTISTA GRÁFICO **FRANCISCO DA CUNHA BRAVO**

Francisco da Cunha Bravo nasceu a 23 de Junho de 1842, em Castelo Branco, e faleceu a 31 de Agosto de 1896, em Évora. Artista gráfico, mestre reconhecido com trabalhos premiados, veio como meio-oficial para a Tipografia do Governo Civil, que depois dirigiu. Em Maio de 1862, montou a sua primeira oficina de tipografia e de encadernação na Praça Grande N.º 5, que depois cedeu ao jornal «*Pharol do Alentejo*». Fundou a *Typographia Eborense*, que esteve instalada em vários espaços na cidade, sendo o último na Travessa da Mangalaça N.º 7. Após a sua morte, a Oficina passou a ser gerida pela sua viúva e herdeiros, estando activa até 1907. De Cunha Bravo, conhecem-se inúmeros jornais e livros: «*Geraldo Sem Pavor*», «*Évora Carnavalesca*», «*Monitor Transtagano*», «*O Manuelino D'Évora*», «*Sul*», «*Progresso do Alentejo*», «*O Povo de Évora*», «*Correio do Alentejo*», «*Correio de Évora*», «*O Progresso de Évora*», «*Folha de Évora*», «*O Monitor*» e «*O Espectro do Pagador*». Publicações que se podem consultar na Biblioteca Pública de Évora.

ÉVORA

O CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA

Évora

GIL DO MONTE

**e o contributo para a história da
tipografia**

Gil do Monte, pseudónimo literário usado pelo ebo- rense, Felício José Pássaro (1903-1987), contribuiu com o seu saber-fazer e conhecimentos locais para o estudo das artes gráficas em Évora. Compilou referências sobre a história das tipografias, dos gráficos eborenses, dos detentores do saber-fazer, bem como, sobre os títulos da imprensa local. José Domingos Quito, actual encarregado da Gráfica Ebo- rense, recorda-se de ir algumas vezes a casa de Gil do Monte “levar provas para revisão dos livros im- pressos na Gráfica”.

Destacam-se três dos títulos publicados:

☞ *Subsídios para a História da Tipografia em Évora nos séculos XVI e XVIII. Gráfica Eborense, Évora, 1968;*

☞ *O Jornalismo Eborense (1846-1976)*. Gráfica Eborense, Évora, 1 ed.1955; 2 ed.1978;

 *Subsídios para a História da Tipografia em Évora nos séculos XIX e XX. Gráfica Eborense, Évora, 1980.*

Felício José Pássaro conhecia bem o meio da indústria gráfica e do jornalismo. “Colaborou em «Democracia do Sul» (Montemor-o-Novo / Évora / Setúbal, 1902-1974), «Notícias de Évora» (1900-1992), «O Anunciante» (Évora, 1919-1948), Ébora, Agenda da Nossa Terra (anual), «Boletim do Juventude Sport Club de Évora» (1952- 19??), «O Arraiolense» (1936- 1950) e «Brados do Alentejo» (Estremoz, 1931-19??). Dirigiu o jornal de publicidade comercial e industrial «O Informador», que se publicou em Évora entre 24 de Junho de 1954 e 24 de Julho de 1959.” QUINTANS, Vivaldo_ Felício José Pássaro. In, «Almanaque Alentejano», 9º Ano, 2ª Série, N.º 9, 2013, pp.8-10. [Consult. 20 Fev. 2021]. Disponível em http://rdpc.uevora.pt/bitstream/10174/8694/1/0_Almanaque2013_A4.pdf.

O CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA DA TIPOGRAFIA

Objectives: Back-Chain, $\tilde{\pi}$, and π are equal

O historiador Paulo Guimarães ilustra o crescimento da tipografia eborense: “(...) Tal como acontecia nas áreas marcadas pelo ofício, também na indústria de tipografia é importante a presença do trabalhador qualificado. A Ferreira, Irmão & Cia. (1898) foi constituída entre dois irmãos tipógrafos, por um prazo de dez anos, assim como a Pires, Tristão & Cia. (1899). Esta deu lugar à Pires & Cia. Sucessores e, em 1909 à Empreza Tipográfica Eborense (capital social: 4 contos). A Minerva Comercial Lda. (1936) tinha igualmente dois sócios classificados como “industriais”. Gestão em conjunto e contas iguais marcavam estas pequenas empresas que também faziam encadernações e juntavam o comércio de papelaria. A estreiteza dos mercados locais explica a polivalência de outras iniciativas, como sucedia na Isidora Gomes & Cia. (1924), onde o “comércio e indústria de tipografia”, se aliava “a papelaria, livraria, encadernação e edição de obras” ou na Sociedade Tipográfica Eborense, Lda. (1924) que tinha por objecto “a exploração em qualquer parte do país do comércio de papelarias e das indústrias de tipografia, encadernação, pautação, litografia...” e reunia 120 contos de capital. A maior empresa foi a Minerva Comercial, Lda., constituída em 1921 com capital social de 33 contos, onde participou o Banco do Alentejo, três grandes advogados da cidade, um solicitador, cinco tipógrafos, um escriturário e um empregado público. Foram, pois, os “grandes” consumidores de papel impresso que participaram na fundação desta tipografia que empregava 20 indivíduos. A multiplicação de pequenas unidades é atestada nas 10 tipografias registadas nos serviços industriais desde os anos 20, tendo apenas metade assumido a forma societária (...).”

4

ÉVORA, SÉCULO XVI, OS PRIMEIROS IMPRESSORES

Conta-nos Maria Antónia Fialho Conde, no artigo *Do claustro ao século: o Canto e a Escrita no Mosteiro de S. Bento de Cástris, Évora*: “(...) A permanência da Corte em Évora por largas temporadas, teve clara influência no devenir cultural da cidade. (...) A partir da década de 40 do séc. XVI assistimos também ao estabelecimento de 7 impressores e de 15 livreiros em Évora, daí a existência de um importante espólio constituído pelos livros impressos na cidade, não só nas oficinas particulares mais conhecidas, como as dos Burgos, como também da Imprensa da Universidade. De facto, a fundação da Universidade e a fixação de mestres de diferentes áreas, atraindo estudantes, tornar-se-ia um símbolo da cidade de Quinhentos. Em 1521 **Jacob Cromberger** exercia já a actividade da impressão, tendo imprimido os livros 1º e 4º das *Ordenações Manuelinas*, estando a Corte em Évora. **André de Burgos** exerceu actividade entre 1553-1589, sendo na parte final da vida acompanhado por seu filho, **Martim de Burgos** (1573-1597), (em 1593, Martim era tipógrafo da Universidade em Évora imprimiu *As Antiguidades da Lusitânia* em quatro livros de André de Resende); em 1583 a oficina de **André de Burgos** mantinha-se ainda activa, através da sua esposa, ano em que se imprimiu o *Tratado que escrevijo la madre Teresa de Jesus*. Um outro **Burgos**, agora **Cristóvão**, também esteve ligado à arte da impressão a partir de 1582. Manuel da Lyra começou a imprimir por morte de Martim de Burgos, ou mesmo conjuntamente, podendo a sua actividade situar-se entre 1593/98 e 1609. Em 1572 terá existido, ligada à Universidade a **Typographia Académica**, e em 1565, algumas obras terão saído do prelo de **Francisco Correia**. Assim no século XVI e primeiro decénio do século seguinte Évora contou com 8 oficinas de impressão, sendo, porém esparsa a actividade simultânea. No século XVII, notamos a actividade impressora de **Francisco Simões**, entre 1612 e 1621, que também foi impressor em Coimbra; de **Lourenço Craesbeeck** entre 1620 e 1625 que já teria oficina própria em Évora no tempo de **Francis-**

co Simões; de **Manuel de Carvalho**, entre 1623 e 1635, que além de ter tido actividade em Coimbra, já tinha oficina ao tempo de Craesbeeck. **Manuel de Carvalho**, em 1635 terá ido a Vila Viçosa, aos Paços Duais, para imprimir os *Desmaios de Maio*, de D. F. de Figueiredo. Também terá tido oficina em Évora **Jorge Rodrigues**, entre 1617 e 1628. Ainda no século XVII, temos a actividade de **Francisco Nunes** que, em 1687 imprimiu *A Ciência do Bem*, do Pe. Manuel Luiz. Esta terá sido a única obra que saiu dos seus prelos, e tendo actividade coeva apenas a oficina da Universidade, é provável que fosse tipógrafo ou mestre dela. Uma palavra ainda precisamente para a **Oficina da Universidade**, que esteve em actividade, durante cerca de 115 anos (...). De facto, terá sido activa entre 1658 e 1773. (...). As instituições monásticas da cidade não podem ser desligadas de toda esta actividade, devendo também ser entendidas no contexto da região (...). Por fim, a autora esclarece-nos sobre a importância do mosteiro de S. Bento de Cástris: “(...) foi o mosteiro que maior número de Livros de Coro legou ao espólio local e nacional, de todos os mosteiros eborenses, masculinos e femininos. (...) na primeira metade do século XVII a região de Évora esteve representada na literatura monástica feminina impressa. Trata-se da obra de uma religiosa estremocense D. Maria de Mesquita Pimentel, religiosa no mosteiro de S. Bento de Cástris. (...) Viu a primeira parte da sua obra impressa em 1638 na oficina de **Jorge Rodrigues**, intitulada *Memorial da Infância de Cristo, e Triunfo do Divino Amor*. (...). CONDE, Maria Antónia Fialho. *Do claustro ao século: o Canto e a Escrita no Mosteiro de S. Bento de Cástris, Évora*. In TOMÉ, Irene, coord.; STONE, Maria Emilia, coord.; SANTOS, Maria Teresa, coord. – *Olhares sobre as Mulheres - Homenagem a Zilia Osório de Castro*. [Em linha]. Lisboa: CESNOVA. Faculdade de Ciências, 2011. [Consult. 10 Jan. 2020]. pp. 243-254. Disponível em <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/4646/1/Do%20claustro%20ao%20s%C3%A9culo.pdf>. ISBN 978-989-97344-0-1.

ÉVORA, JORNAIS NOS ANOS 30 E 40 POR ANTÓNIO GALOPIM DE CARVALHO

“Mais do que um jornal regional, o «*Democracia do Sul*» foi um projecto social e político guiado pelos ideais da República e da Democracia. Dos jornais que então se publicavam em Évora, recordo bem este, porque os meus pais o assinavam, e fui colega de liceu do filho do então proprietário, Aníbal Queiroga Pires. Alfobre de intelectuais e de guardiões dos ideais progressistas e positivistas, foi o jornal eborense que mais se destacou na vida social e política da cidade, honrando a sua região. Fundado em Montemor-o-Novo, como semanário, em 1901, como órgão do Partido Republicano, só se instalou em Évora, como diário, em 1917. Foram seus colaboradores, entre outras destacadas figuras das letras e da política, António José Saraiva, Ramiro da Fonseca, Túlio Espanca, Maria Teresa Horta, Mário Gonçalves e Vergílio Ferreira. Em inícios de 1936, este diário, que até aí não dispunha de tipografia, começou a ser totalmente executado, em sede própria. Porém, um grupo de apoiantes do novo regime (o Estado Novo), liderados por António Bartolomeu Gromicho, já então reitor do liceu local, invadiu e destruiu todo o material do jornal que, assim, voltou a ser impresso numa tipografia da cidade. Este transtorno só foi resolvido dois anos depois, quando voltou a ter instalações próprias (na esquina da Rua da Selaria com a de Valdevinos), tendo Aníbal Queiroga à frente da empresa. Com o seu falecimento, em 1962, o cargo de chefe de redacção passou para as mãos do filho, também Aníbal de nome. A partir de então, o jornal entrou em franco declínio, com a publicação desregulada e incerta. Após quase uma década de agonia, «*Democracia do Sul*» calou-se a 1 de Agosto de 1971.

O «*Notícias d'Évora*», publicado entre 1900 e 1992, não me mereceu a mesma atenção. Tenho-o em mente como um jornal regional, vivendo da publicidade local e dos assinantes. Deste diário apenas me recordo do seu proprietário, Joaquim dos Santos Reis, com cujos filhos convivi, e que estava sediado da Rua do Raimundo, na esquina com a Rua do Lagar dos Dízimos.

A «*A Defesa*», órgão da Arquidiocese de Évora que, por interesse da minha mãe, nos entrava em casa todas as semanas, teve nesses anos a direcção do cônego José Filipe Mendeiros (1911-2000), figura importante na cidade, muito próxima de Salazar e de Cerejeira.

O «*Diário do Sul*», ainda bem vivo, só surgiu anos mais tarde, em 1969. Eis tudo o que fui buscar ao “baú” das recordações e da muito pouca investigação a que procedi.” In, CARVALHO, Galopim _ *Galopim de Carvalho respondendo à solicitação do jornalista João Vieira*. In Facebook: Galopim de Carvalho. 25 Mar. 2020. [Consult. 25 Mar. 2020]. Disponível em <https://www.facebook.com/Prof.Galopim>.



Editoral do projecto de investigação do domínio das Artes Gráficas em Évora, *Diário Tipográfico* 2016. Composição e Impressão manual de José Luís Correia Louro e Alexandra Charrua, produzido na sala da Colecção de Tipografia Tradicional Eborense no Convento dos Remédios.